

CENA 01

Uma turma com dezenove crianças de três anos e meio a quatro anos e meio, todas envolvidas em diferentes situações de brincadeira. Uma menina de quatro anos, com síndrome de Down se aproxima da professora e aponta para a prateleira onde ficam jogos, brinquedos e outros objetos.

Profa: Oi Isa! O que você quer?

Isa: Murmura algo, apontando o dedo para a estante.

Profa: Ah sim! Você quer a maletinha de médico?

Isa: Sim! – fazendo sinal positivo com a cabeça.

A professora pega a maleta e oferece um capacete branco com o símbolo de cruz vermelha.

Profa: Você vai ser a médica, Isa?

Isa: Sim! Fazendo sinal positivo.

Profa: Onde será seu consultório?

Isa: Olha para o lado e não consegue tomar uma decisão.

Profa: Eu ajudo você! – pega uma cadeira e organiza um local perguntando: – Pode ser aqui?

Isa: Faz sinal positivo com a cabeça, senta-se, abre a maleta.

Profa: Pessoal, a doutora Isa já está pronta para o atendimento médico! Alguém aí está precisando de ajuda? Está com algum probleminha de saúde?

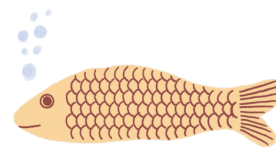
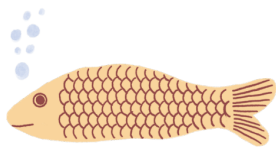
Crianças: Eu tô, Eu tô! Eu tô!

Profa: Então vamos organizar a sala de espera para que todos sejam atendidos!

As crianças se organizam sentando-se em volta da doutora.

(Registro em diário de campo. PAIVA, 2015)

(Trecho extraído do Material Formativo Programa Leitura e Escrita na Educação Infantil, Caderno 03, Unidade 3, p.81 a 118)



CENA 02

Calendários e quadros em que se marcam as atividades da rotina diária são bastante frequentes nas salas da Educação Infantil; porém, muitas vezes, as crianças participam pouco de sua construção; também não é raro que sejam pouco utilizados, que não tenham uma função social real. Pensando em possíveis formas de participação efetiva das crianças na construção e no uso de um calendário e em torná-lo necessário, foi desenvolvido um projeto numa turma de Educação Infantil, composta por crianças de cinco a seis anos de idade. O uso de imagens (combinado com o uso de palavras nomeando os dias da semana) foi o caminho escolhido, considerando-se o fato de as crianças ainda não dominarem os sistemas da escrita e numérico. Com o desenvolvimento do projeto, as crianças foram sendo provocadas para compreenderem a potência dos calendários como instrumentos culturais, criados para registro e recuperação de informações, para se lembrarem da organização das atividades no dia a dia, para “escreverem” e “lerem” suas vivências.

Professora: O que a gente pode fazer pra descobrir o que que a gente fez segunda-feira na roda?

Gabrielly: Pensar. A única coisa.

Professora: A única coisa?!? Ó, não tem nada na sala...

Calebe: Tomar lanche!

Gabrielly: O calendário (aponta o calendário com o pé).

Professora: O calendário! Então, como é que a gente sabe?

As crianças voltam seus olhares para o calendário colado na parede.

Gabrielly: Cantou a música.

Professora: Na segunda-feira. No primeiro dia que a gente veio na escola. Da semana.

Gabi: Ah! Contou a novidade.

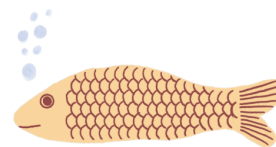
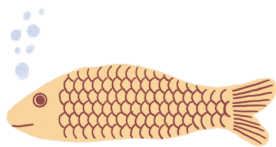
Professora: Ah, contou a novidade! Como que a gente sabe que contou a novidade, Gabi?

Gabi (apontando o calendário): Porque eu estou vendo o ovo (refere-se à primeira figura colada logo abaixo da imagem que representa a roda).

Professora: Ah, porque você está vendo um ovo!

A professora aponta o cartão do ovo que foi escolhido na segunda-feira para representar a novidade: contar sobre a Páscoa, ocorrida no domingo anterior. Acolhendo as respostas das crianças, a professora vai reformulando as perguntas, deslocando a ênfase de “o que a gente fez” para “o que a gente pode fazer para descobrir” e, por fim, para “não tem nada na sala”. Esforçando-se por se fazer compreender, a professora vai buscando outros modos de dizer, reorientando o olhar e a atenção das crianças. As pistas sucessivas levam Gabrielly a entender que a informação está no calendário.

(Trecho extraído do Material Formativo Programa Leitura e Escrita na Educação Infantil, Caderno 03, Unidade 3, p.81 a 118)



CENA 03

A professora inicia a atividade cantando uma música para organizar as crianças em roda. Durante essa organização, que durou seis minutos, uma criança chorou. Mesmo tento percebido o choro, a professora não interveio. O choro e os apelos da criança foram abafados pela voz da professora. E, em poucos minutos, a criança, ao perceber que seu choro não encontrou respaldo, se aproxima dela para participar da atividade proposta. Outra criança chamou pela professora, sem que seu apelo fosse escutado. Há uma centralidade na ação de organizar a roda, fazer com que as crianças se assentassem com as pernas cruzadas e ficassem em silêncio para a atividade começar.

Professora: (cantando) Ôh abre a roda tindolelê, ôh abre a roda tindolalá, tindolelê, tindolalá. Agora, sentou. Senta na roda tindolelê (cantando). Pera aí que eu vou sentar também. Só vou fechar a porta. Senta na roda tindolalá (cantando). Perna de índio tindolelê, perna de índio tindolalá! (cantando)

Criança: Ôh tia ...

Professora: Senta do lado de cá (se referindo a uma das crianças). Perna de índio tindolalá (cantando). Perna de índio... Senta aqui ó. Perto do Vitória. Pera aí que vocês estão conversando. Nem comecei a falar e vocês já estão conversando. Vai ficar quietinho? Parabéns, Lucas, que fez perninha de índio. O Peter arreda só um pouquinho pra trás. Peter mais, mais, aí.

Criança: Ôh tia ...

Professora: Pera aí. Parabéns, pro Henrique, Danilo não fez perna de índio. Parabéns, Herick. Parabéns, Diego. Parabéns pra Lúcia. A Andreia não fez perna de índio. Ah, agora sim. Parabéns, Vitória.

Criança: Tem um buraco aqui.

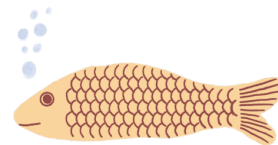
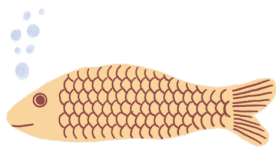
Professora: Não tem problema não, tá pequenininho. Breno, parabéns. Bárbara parabéns. Deixa-me ver se a Carla está de parabéns. Parabéns, Carla, o Tales, todo mundo.

Criança: Ôh tia...

Após todos estarem de pernas cruzadas, a professora fala com as crianças.

Ao longo da atividade de leitura, ocorreram treze interrupções sempre com falas da professora que solicitava às crianças uma determinada postura corporal ou davam ordens para que não conversassem, como no trecho a seguir:

Professora: Então, vamos lá. O sino pediu para acordar o trovão para vir a chuva. Então, vamos ver. Então, o trovão... Olha o barulho do trovão. Ele começou a fazer muito barulho (inaudível).



Olha o barulho do trovão. Será que vai chover? Ele veio empurrando e trouxe a nuvem que, ouvindo o barulho, começou a...

Criança: chover

Professora: chover. Olha que delícia.

Professora: Peraí que tem gente que não tá vendo, porque o Humberto não está sentado. (Em tom de repreensão)

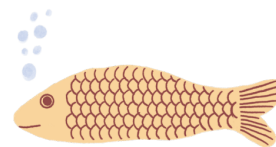
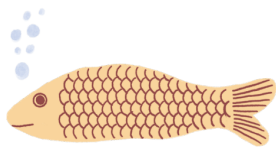
Criança: (inaudível)

Professora: Você vai ficar em pé, Humberto? Ou sentado? Sentado com o bumbum no chão. (Mesmo tom de repreensão)

Criança: (inaudível)

Professora: (inaudível) Espera o Humberto voltar, tá bom, Herik?

Professora: Olha lá. O seu trovão e a senhora chuva e começou a cair muitas gotas de água. Olha lá. Será que a terra ficou feliz?



CENA 04

A professora sentou-se em uma pequena cadeira, na roda em que as crianças se encontravam sentadas no chão. Em seu colo, havia uma pilha de pequenos cadernos fotocopiados. A professora começou sua prática sondando as crianças sobre o que elas achavam que seria feito e o que eram os papéis em seu colo. Essa conversa inicial durou sete minutos.

Professora: Aí tem uma linhazinha de cortar.

Criança: É.

Professora: Ah, a margem! Mas, não é. Mais uma dica: não é Para Casa.

Criança: Parece um negócio de colorir pica pau.

Professora: Ah, por que tem espaço para colorir? Hummmm..., mas não é. Nós vamos fazer um livro. Isso aqui parece um livro?

Criança: Sim.

Criança: Uma revistinha.

Professora: Parece uma revistinha?

Criança: Nós vamos fazer uma revistinha.

Professora: Será ...que é uma revistinha?

Criança: Sim (várias crianças)!

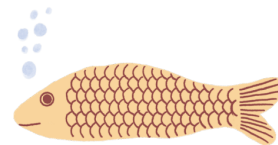
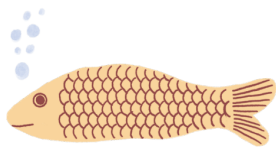
Criança: Eu não acho.

Professora: Senta pra gente começar.

Criança: Quando eu li uma revistinha tinha essa Ma-ga-li.

Professora: Tem a Magali aqui? Por favor, senão a gente não vai conseguir começar. PODEMOS ENTÃO?

As crianças demonstraram animação ao receber o próprio livro e por tê-lo nas mãos durante toda a roda de leitura. A professora explorou a capa estimulando a explicitação dos conhecimentos prévios acerca do tema, do tipo de história, do gênero textual. Em seguida, iniciou a leitura da história e as crianças foram acompanhando através do exemplar que tinham em mãos. Algumas passavam as páginas no próprio ritmo sem considerar a leitura da professora, chegando, assim, rapidamente ao final da história. Outras acompanhavam o ritmo da leitura da professora virando as páginas em consonância com o que estava sendo lido. A professora não estipulou padrão e deixou que cada criança manipulasse o livro da forma que desejasse. As crianças fizeram pequenas intervenções durante a leitura e se mostraram envolvidas durante toda a atividade. Durante esse período, a professora não fez nenhuma interrupção para chamar atenção das crianças e nem parou a narrativa para escutar os comentários que as crianças faziam vez ou outra. Ela utilizava-se da entonação enfática, do olhar e da fala mais pausada em algumas palavras quando queria chamar atenção de crianças que haviam se dispersado. Após o término da atividade a professora iniciou o diálogo sobre a



história lida esforçando-se para permitir que o maior número de crianças participasse da conversa.

Professora: E aí ...quem gostou da história?

Criança: Eu! (todos levantando as mãos)

Criança: Eu gostei muito.

Professora: O que aconteceu nessa história? Quem pode me contar?

Criança: O lobo queria comer a Chapeuzinho numa bocada só e depois... e depois comeu o que tinha na cesta.

Professora: Mas, ele conseguiu comer a Chapeuzinho numa bocada só?

Criança: Não! (várias crianças respondendo)

Professora: Por quê?

Criança: Por que a Chapeuzinho gritou tão alto que o caçador ouviu. Aí ...aí ele foi até o local que aconteceu ...e depois viu aonde o lobo estava...

Criança: Professora.

Professora: Tô escutando a amiga.

Criança: Aí, o caçador quase matou ele ...aí ficou tão assustado que saiu fora

Professora: Nossa... sorte que ele saiu fora a tempo hein.... E aí Isabel ...o que você queria falar?

Criança: Tá vendo esse coraçãozinho aqui? [pro - fessora]

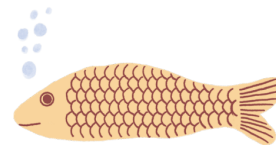
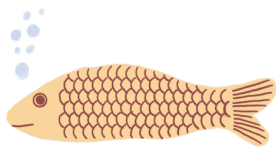
Professora: Olha ...a Isabel tá mostrando um coração que tem aqui óh ... no final ... O que significa esse coração?

Criança: (sabe por que) ... Ele tá entrando na janela?

Professora: Ah o coração tá na janela?

Criança: Ele tá apaixonado por ela

Em seguida, a professora indagou a respeito da prática que haviam acabado de realizar, se as crianças haviam gostado de ter o livro nas próprias mãos. Todos responderam que sim. A professora ponderou que algumas crianças haviam passado as páginas muito rapidamente e, conseqüentemente, não conseguiram acompanhar a leitura que estava sendo feita por ela.



CENA 05

Trecho 01:

Mostra vários gravetos que estavam na mão.

Ad: É um monte de sorvete?

S2: É!

Ad: Ai, que delícia! Você gosta de sorvete?

S2: É!

Ad: Eu também.

S2: Minha mãe compô um sovete do moço.

Logo em seguida, L2, S2, I2 e J2 formam uma rodinha entre eles.

S2 passa em sua boca um graveto que estava em sua mão direita, dizendo:

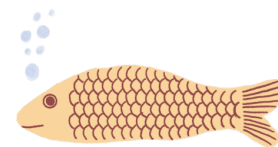
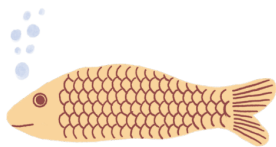
S2: É batom, tia! É batom! E passa novamente o graveto em seu lábio inferior.

(FANTIN, 2011, p. 54-55)

Trecho 02:

Sala de Educação infantil, crianças de cinco anos de idade: Três crianças encontram-se brincando no canto da casinha. Cai um chapéu de caubói da estante de brinquedos. Uma das meninas pega o chapéu e o coloca na cabeça, dizendo: “Eu sou Bete! Bete Carreira!”

(Trechos extraídos do Material Formativo Programa Leitura e Escrita na Educação Infantil, Caderno 03, Unidade 3, p.81 a 118)



CENA 06

João é uma criança de 5 anos que apresenta laudo de TEA com nível de suporte II. No início do ano não falava com a professora nem com as outras crianças da sala, mas participava de todas as atividades propostas. Virava o rosto quando alguém olhava para ele, não aceitava lanche nem ir ao banheiro.

Todos os dias na hora da chamada a professora o chamava, ele olhava, mas ficava calado, então ela dizia “diga assim, André, presente”. Na roda, sempre que as crianças faziam colocações ela perguntava “e você João, o que acha? Quer falar? Ele sempre calado. Com o passar dos dias começou a olhar para a professora quando ela estava fazendo a chamada e estava se aproximando do nome dele, mas ainda assim não respondia e ela insistia: “presente, João. Diga presente”. As crianças começaram a fazer o mesmo que a professora, quando ela chamava o nome dele as crianças diziam “vai João, diz presente”. Certo dia ele respondeu a chamada e todos comemoraram, as crianças falaram “João falou presente” “Muito bem, João”.

A partir daí João começou a falar palavras isoladas e sempre que a professora escrevia alguma palavra que tinha a letra J ou fazia a leitura de algo em que o J também estava presente ele se levantava, apontava e dizia “J de João”. Na roda a professora continuava insistindo para ele participar, sempre nas conversas sobre o final de semana ele apenas ouvia e ela insistia “o que você fez no final de semana, João? Brincou? Passeou? Dormiu? Saiu com mamãe?”. João começou a responder sobre o final de semana, inicialmente falava “brincou”, então a professora dizia “ah, você brincou, João? Com quem? Com mamãe? Ele repetia ou adicionava mais uma informação “mamãe”, então a professora dizia: “então você quer dizer que brincou com mamãe no final de semana”. E assim se repetia a cada roda e a cada semana, até que um dia quando a professora perguntou o que ele fez no final de semana João respondeu: “João brincou com mamãe carrinho”, outra vez respondeu “João praia mamãe papai” e a professora disse “você foi a praia com papai e mamãe, o que fez lá? Tomou banho no mar? Brincou?” ele respondeu “tomou banho, comeu peixinho”. Então ela respondeu: “ah, que legal, João. Você quer dizer que foi à praia com mamãe e papai, tomou banho de mar e comeu peixinho”

Atualmente João pede para ir ao banheiro, responde a chamada sozinho, diz que terminou a atividade, participa da roda dando opinião, conta sobre o final de semana, e a professora segue ajudando João a juntar as palavras transformando em frases. Quando dizia “banheiro” ela falava “você quer ir ao banheiro?”.